

# Tucanos se armam contra o PT

Em reunião, amanhã, PSDB tentará derrubar a concepção de "bloco político" dos petistas

MARILENA DÊGEO

BRASÍLIA — O PSDB está se armando até os dentes para justificar, na reunião do diretório nacional do partido marcada para amanhã, a inviabilidade de uma aliança com a Frente Brasil Popular do candidato Luiz Inácio Lula da Silva. A principal munição discutida ontem pela bancada federal do partido são os "pontos controversos" do documento de 13 itens da Frente em relação à proposta de governo do PSDB, de acordo com relatório elaborado pelo economista Edmar Bacha, membro do diretório.

Para derrubar completamente os argumentos da esquerda do partido — representada pelos ex-integrantes do Movimento de Unidade Progressista (MUP) do PMDB — que querem o engajamento dos tucanos na campanha de Lula, o senador Fernando Henrique Cardoso arranhou uma verdadeira bomba ao contestar a proposta, da Frente, de formação de um bloco político. "O PSDB não pode aceitar ser massa de manobra", contestou o senador. "Esta concepção de bloco político existiu durante a guerra fria, na Europa, mas nós não estamos num regime fascista."

As críticas de Fernando Henrique Cardoso e as divergências programáticas pretendem levar o partido a uma posição de "independência" em relação à campanha de Lula. O sinal mais nítido nesta direção foi dado pe-

lo senador Mário Covas, que tem demonstrado a todas as lideranças tucanas uma extrema má vontade em subir ao palanque do PT; uma má vontade agravada pelo veto dos petistas ao senador José Richa, no Paraná, e ao governador Tasso Jereissati, no Ceará.

"Ninguém dentro da Frente Brasil Popular deve imaginar que se fizermos coligação alguém poderá ser vetado", reclamou Covas, depois de acompanhar, calado, a reunião da bancada federal. Bastante irritado, Richa condenou a prática do PT, com quem não quer aliança. "Mais do que um partido, o PT é uma seita", criticou.

Outra indicação de que o diretório deverá optar pela independência veio do diretório do PSDB de São Paulo. Dos 14 diretórios paulistanos, dez são favoráveis a esta posição e três a um

acordo em relação ao programa de governo. Apenas um defendeu o apoio integral a Lula. Para o presidente nacional do partido, o ex-governador Franco Montoro, alguns pontos do programa de governo da Frente são inaceitáveis. O senador Teotônio Vilela Filho (AL) acredita que o PT não está disposto a negociar. "Minha posição é de engajamento total na campanha de Lula, mas o PT está devagar na busca de um entendimento que amplie seu programa de governo", lamentou o senador alagoano. Segundo ele, se o PSDB decidir ficar neutro na sucessão, as bases deverão votar no candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.

O deputado Antônio Perosa (SP) queixou-se do fato de Lula ainda não ter procurado Covas para conversar sobre o apoio. "Não podemos aceitar um programa de 13 pontos que fere a identidade do PSDB", enfatizou o deputado paulista. O deputado mineiro Aécio Neves também considerou difícil o entendimento com o PT se não houver mudança de programa de governo. O senador Fernando Henrique defende a negociação múltipla entre os partidos progressistas — PSDB, PMDB, PDT e PCB — no lugar do bloco político, que, segundo ele, desvaloriza os partidos. Na quarta-feira à noite, Montoro conversou sobre o assunto com o deputado Ulysses Guimarães, no Hotel Nacional. Ontem à tarde, o líder do PDT na Câmara dos Deputados, Vivaldo Barbosa, se encontrou com Montoro, Richa e o deputado Euclides Scalco, no comitê eleitoral de Covas. À saída, explicaram que estão tentando costurar um entendimento em cima da proposta do PT. Os pontos controversos apontados por Bacha estão todos ligados à concepção de "democracia popular" da Frente, em que os trabalhadores organizados se sobrepõem ao aparato estatal e aos poderes constituídos.



Aldori Silva/AE

Montoro na reunião com líderes da Frente: programa de governo do PT é "inaceitável"